

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 3\$00
ASSINATURA ANUAL 30\$00

Ano XI — Número 125

Maio de 1973

Aos nossos membros isolados

Por R. R. FIGUHR

Esta é uma palavra de saudação aos nossos membros isolados. Saudamos-vos, a vós que, pela força das circunstâncias, não podeis estar em contacto com os vossos irmãos na fé. Talvez sejais a única família adventista do sétimo dia na vossa cidade ou povoação. Podeis encontrar-vos como a irmã que recentemente escreveu: «Meu marido e eu somos os únicos adventistas aqui.» Ou talvez ainda estejais mais solitários — como único crente, não só em toda a vossa povoação, mas em vossa família. O isolamento não é fácil de suportar, porque por natureza somos criaturas sociáveis, que gostamos da companhia dos nossos semelhantes. Quando estamos privados dela, não há nada na terra que encha o vazio.

É confortador saber que o Senhor compreende e simpatiza convosco no vosso isolamento. Ele próprio conhece os sentimentos daqueles que são obrigados a andar sòzinhos. D'Ele está escrito que pisou «sòzinho no lagar, e dos povo ninguém houve» com Ele.

Ele tem um cuidado especial por aqueles a quem é negada a associação com os seus irmãos na fé. A casa de Cornélio parece ter sido o único lar de crentes em Cesareia. Cada dia, ao subirem perante Deus as orações e esmolas, Ele reconhecia entre elas as de Cornélio. Elas subiam como «memorial» diante de Deus. Quando Cornélio necessitava de auxílio especial, Deus concedia-lho. O Senhor não estava demasiado ocupado a olhar pelos grandes grupos de crentes para que se esquecesse de suprir cuidadosamente ao que necessitava um lar isolado. O mesmo sucede hoje. Podemos estar isolados no que respeita à associação com irmãos na fé, mas não com Deus. Ele vela por nós, ouve as nossas orações, regista as nossas dádivas, e envia anjos para nos guiarem e conservarem em segurança.

Deve haver um propósito no vosso isolamento, porque nada sucede ao filho de Deus que não seja parte de um plano divino. Uma pobre senhora fiel numa terra distante, pela Bíblia e por um sonho, aprendera a verdade do Sábado. Durante mais de quinze anos ela guardara o Sábado sòzinha na sua povoação. Na realidade ela não conhecia mais ninguém no Mundo que guardasse o Sábado. Podemos imaginar a sua transbordante alegria quando o nosso povo finalmente a encontrou. Sem dúvida, mesmo ao lermos estas linhas, há muitos outros em condições semelhantes, em diferentes países, que seguem a verdade de Deus. Almas heróicas, essas, espectáculo para Deus e os anjos! Que robustas qualidades de coragem e lealdade se desenvolvem sob tais circunstâncias!

A vossa responsabilidade como único representante da verdade de Deus na vossa comunidade é grande. Toda a igreja é julgada pela vida de um só indivíduo — pela vossa vida! Sois a luz de Deus onde vos encontrais. Como uma luz isolada na noite brilha mais fulgurante e a maior distância, assim brilha à distância a vossa luz, e tornaís-vos notórios. Que o Senhor vos ajude a ser uma luz brilhante e refulgente onde vos encontrais!

Como a vossa responsabilidade é grande, grande é também a vossa recompensa. Os que vos rodeiam terão sido ganhos para a verdade e para o reino de Deus, no que diz respeito a esforço humano, unicamente por vós. Que honra e satisfação eternas! Brilharão porque, sòzinhos, vós brilhastes. Não é difícil de crer que as coroas de muitos crentes que agora estão isolados sejam iluminadas por numerosas estrelas brilhantes.

Está perto o dia em que o grande grupo dos remidos de todos os países se reunirão em volta do trono branco e, como diz o apóstolo, «Assim estarão sempre com o Senhor». Possam todos os nossos membros isolados ali estar também.

Nós temos esta esperança

por A. Casaca

Lemos no capítulo 13 do livro de Números um relatório que traduz a maneira comum do procedimento humano. Segundo a ordem de Deus, escolheu Moisés um certo número de homens, todos eles maiores, que deviam entrar na Terra Prometida, observá-la bem, em todos os seus aspectos, desde a agricultura até à defesa militar e depois de tudo bem observado, deviam apresentar um relatório do que tinham visto e observado.

Por lá andaram quarenta dias, vendo, observando e tomando nota de tudo; regressaram, finalmente.

A princípio apresentaram um bom relatório: terra muito boa, fértil, como provavam com o ramo de vide com um cacho de uvas, que dois homens transportavam numa verga, aos ombros; acrescentaram que a terra era realmente boa, manando leite e mel.

Até aqui, bom relatório, na primeira parte. A segunda parte é que marca o desalento e a derrota. Continuando na sua exposição, todos aqueles homens, menos dois, Josué e Caleb, confessaram que nada havia a fazer contra ela, porque os seus habitantes eram gigantes, homens valentes e possantes.

Estabelecendo uma comparação disseram eles, os Hebreus, comparados com os habitantes daquela bela terra, eram como gafanhotos.

Só Josué e Caleb se mostraram animosos procurando desfazer todo aquele pessimismo que os restantes espias queriam inculcar no povo.

Aquela situação do povo de Deus, há uns bons milénios, a esta parte, é, precisamente, a mesma, que hoje está vivendo a Igreja de Deus.

O Mundo surge perante a Igreja de Deus como um enorme e descomunal gigante, com as suas forças multiplicadas e repartidas pela indústria, comércio, transportes, militarismo, organizações, planos arrojadíssimos de conquista do espaço cósmico. Autênti-

cos gigantes perante a simplicidade e humildade da Igreja de Deus.

Tudo isto seria, realmente, assim, se a Igreja apenas contasse com as suas débeis forças. Seria, de facto, como um gafanhoto perante o gigante que é o mundo.

Os espias que Moisés enviou à Terra Prometida esqueceram-se de Deus, das suas promessas, do seu auxílio que não lhes faltaria. Olhando só para si mesmos, tinham razão em se considerarem como gafanhotos. Já assim não pensavam Josué e Caleb, que tinham bem presente nos seus espíritos as promessas de Deus.

Isto mesmo tem a Igreja de fazer, recordando-se das promessas divinas. Jesus prometeu solenemente que estaria com a sua Igreja: «e eis que estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos» (Mateus 28:20).

Se confiássemos, apenas, nas nossas forças de homens pecadores, essencialmente limitadas, fraquíssimas, nem sequer poderíamos albergar no nosso coração a mais ténue esperança de mover uma palha para proveito do próximo ou para a glória de Deus. Mas não é assim, porque toda a nossa esperança reside no Senhor nosso Deus.

«O designio do Salvador era que, após a sua ascensão ao céu para se tornar o intercessor do homem, os seus seguidores continuassem com a obra que Ele havia começado.» (*Testemunhos*, vol. 9, pág. 103).

Se nós estamos com Deus e tudo esperamos de Deus, não podemos ter motivos para desânimos nem para pessimismos.

Bem sabemos que o fim se aproxima, rapidamente. E também sabemos que já podíamos estar na Pátria Celestial — portanto, Jesus já podia ter voltado — se a Igreja tivesse cumprido a sua missão. Efectivamente, «A obra irá avante, sempre, avante, até

Continua na pág. 7

Saudades do Lar

OS jornais trouxeram a notícia de uma senhora de 85 anos, viúva, chamada Serafina Gibilaro, que era natural da Sicília donde estava ausente há 55 anos.

Resolveu então, deixar a sua casa na Califórnia, Picoíma, e ir viver o resto dos seus anos na sua terra natal na Sicília.

Tendo tomado o avião, os seus desejos pareciam prestes a cumprir-se, mas poucos minutos depois de pôr os pés em terra no aeroporto de Palermo morria com um ataque cardíaco.

Quando ela descia as escadas do avião a sua comoção foi tão grande que não resistiu.

Como esta velha senhora os filhos de Deus têm, também, saudades do lar. A palavra saudade é difícil traduzir para outra língua. Na língua inglesa a palavra exprime a ideia de doença por ausência do lar.

Não sei se em todos nós existe este sentimento pelo lar, quando temos que viver longe dele por largos anos.

Há um hino maravilhoso que diz:

*«Da linda Pátria estou mui longe
Triste eu estou
Eu tenho de Jesus saudades
Quando será que vou...»*

No entanto, há pessoas que exprimem sentimentos opostos. Um rapaz que havia passado por uma experiência difícil num desastre numa estrada exclamou:

«Meu lar é no céu; mas eu não tenho saudades dele».

A Sagrada Escritura apresenta exclamações semelhantes quando um

servo exclama: «o meu Senhor tarde virá» (Mat. 24:48).

Estas expressões são as duma minoria que não conheceu aquilo que o Senhor tem guardado para eles.

Devemos perguntar a nós próprios: — Qual a grande esperança de minha vida? Os animais — cães, gatos, etc. vivem satisfeitos com cada dia que passa, se têm comida, água, e um lugar agradável para estar. Mas cada ser humano vive no presente olhando sempre para o futuro, parecendo-lhe ser justo que cada dia que se aproxima seja melhor do que aquele que passou. Infelizmente isso nem sempre acontece.

No entanto, há maravilhosas promessas quanto ao nosso futuro. João relatou as palavras de Jesus em Apoc. 21:4 — «E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas.»

Ao divisarmos tamanha e maravilhosa promessa, talvez as nossas saudades do Lar comecem a nascer.

Cansados, doentes, desanimados, perseguidos, olhemos para esse momento em que o Senhor vai cumprir a sua promessa.

Lá não haverá mais desânimo e os nossos interesses podem ser grandemente multiplicados.

Uma senhora escreveu certo dia o seguinte: «O meu marido tem muito interesse em electrónica e ele espera que os anjos o ajudem a conhecer mais acerca daquilo que lhe interessa.»

Continua na pág. 7

As Reservas de Deus

-o Dízimo

FUNDADO SOBRE PRINCÍPIOS ETERNOS

O sistema do dízimo remonta para além dos dias de Moisés. Requeria-se dos homens que oferecessem dons a Deus com intuitos religiosos, antes mesmo que o sistema definido fosse dado a Moisés — Já desde os dias de Adão. Cumprindo o que Deus deles requer, deviam manifestar em ofertas a apreciação das misericórdias e bênçãos a eles concedidas. Isto continuou através de sucessivas gerações, e foi observado por Abraão, que deu dízimos a Melquisedeque, sacerdote do Altíssimo. O mesmo princípio havia nos dias de Job. Jacob, quando errante e exilado, destituído de bens, deitou-se à noite em Betel, solitário e tendo por travesseiro uma rocha, prometeu ao Senhor: «De tudo quanto me deres, certamente Te darei o dízimo.» Gén. 28:22. Deus não obriga os homens a dar. Tudo quanto derem deve ser voluntário. Não quer ter o Seu tesouro cheio de ofertas dadas de má vontade. — 1 TS, 372.

PAULO RECONHECE O SISTEMA

Em sua primeira carta à igreja de Corinto, Paulo deu aos crentes instruções referentes a princípios gerais sobre que assenta o sustento da obra de Deus na Terra. Escrevendo a respeito de Seu trabalho apostólico em favor deles, ele interroga:

«Quem jamais milita à sua própria custa? Quem planta uma vinha e não come do seu fruto? Ou quem apascenta o gado e não come do leite do gado? Digo eu isto segundo os homens? Ou não diz a lei também o mesmo? Porque na lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca ao boi que trilha o grão. Porventura tem Deus cuidado dos bois? Ou não diz certamente por nós? Certamente que por nós está escrito; Porque o que lavra deve lavrar com esperança, e o que debulha deve debulhar com esperança de ser participante.

«Se nós vos semeamos as coisas espirituais», indagou mais o apóstolo, «será muito que de vós recolhamos as carnaís? Se outros participam deste poder sobre vós, porque não mais justamente nós? Mas nós não usamos deste direito; antes suportamos tudo, para não pormos impedimento algum ao evangelho de Cristo. Não sabeis vós que os que administram o que é sagrado comem do que é do templo? E que os que de continuo estão junto do altar, participam do altar? Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho.» I Cor. 9:7-14.

O apóstolo aqui refere-se ao plano do Senhor para a manutenção dos sacerdotes que ministravam no templo.

Continua na pág. 6

Como deixar de falar da Vida alheia em 5 dias - Curso Intensivo

por Benito Raymundo

PALAVRAS DE INTRODUÇÃO - II

Se para deixar o vício de fumar, cinco dias de intensivo curso às vezes são insuficientes, para romper com o vício da maledicência muitos dias mais seriam necessários, tanto é este vício mais insidioso e maligno que aquele. Verdadeiramente, maledicência é vício, mais vício que o alcoolismo e o tabagismo. Pelo menos, parece muito mais fácil vencer o álcool e o fumo que vencer a tendência mórbida e diabólica de criticar a vida alheia! Exagêro? De maneira alguma!

Tenho visto ébrios sem conta tornarem-se sóbrios, e fumantes inveterados, aos magotes, romperem as algemas que os escravizavam; porém, quanto estamos informados são pouquíssimos os faladores contumazes que triunfam sobre a nauseante maledicência. Não exageramos ao dizer que apenas um de vinte mil alcança completa vitória. Pensando nesses sofrendores infelizes que vegetam à sombra de quase todas as igrejas e que no íntimo anseiam pela libertação, e pensando nos imensos prejuízos que os tais têm causado a si mesmos, à obra de Deus, e a todos quantos têm a desdita de comungar com eles os mesmos horizontes, foi que senti-me inspirado a organizar este curso, que, modéstia à parte, é a última palavra sobre o assunto, posto ser intensivo, prático, de fácil compreensão, e sobretudo, apoiado nas advertências divinas, que não deixam dúvida quanto ao destino daqueles que se alimentam do pecado do povo de Deus.

Como todo o curso, porém, este também precisa ser seguido à risca para que os resultados sejam satisfatórios.

Não é fácil abandonar um hábito

que já faz parte do carácter! Não é fácil cortar de vez o veneno, que através dos anos foi adicionado ao sangue do toxicómano. Não é fácil domar uma língua desenfreada, que viveu sempre à solta, sem nunca ter sentido o efeito salutar de merecidas férias!

É possível recuperar o mais empedernido viciado, mas, quanto ao falador venal... que se estriba em sua santidade farisaica, para do alto de suas pretensões viver de dedo em risto, acusando e criticando todo o mundo... a esperança de recuperação é mínima. Como, porém, cremos em milagres e como tudo é possível para aquele que crê, vamos fazer a tentativa!

Se não conseguirmos libertar de todo os casos graves e crônicos, temos a certeza de que muitos que ainda não ultrapassaram os limites da misericórdia divina se beneficiarão com este curso.

O desabrochar da tendência para ver o lado bom das coisas e das pessoas bem como uma diminuição considerável de palavras más, de resmungos e observações maldosas, eis alguns dos resultados imediatos que poderão afinal conduzir o viciado para fora do submundo asqueroso, em que vive aquele que espalha contenda entre os irmãos! Vamos pois, com ânimo, coragem e fé, aproveitar este plano de 5 dias, para romper de vez com este hábito pernicioso que tanta infelicidade tem trazido para o povo de Deus.

Aí vem o irmão X do seu longo giro para se desincumbir da tarefa que lhe confiamos. Vejamos como foi aceito o curso pelo nosso povo.

— Então, irmão X, como foram as matrículas?

— Pastor, a coisa não foi muito fácil! Falar, toda a gente fala mas ninguém quer ser classificado como falador. Matricular-se num curso desta natureza é confessar publicamente que tal pessoa se encontra contaminada pelo mal. Daí o senhor pode calcular o enorme trabalho que tive para conseguir alunos. Todavia, depois que os mais corajosos se inscreveram, o povo perdeu o medo! Aqui estão os resultados! Veja estas fichas!

— Hum, irmão X, é mais gente do que eu calculei! E... estes, também se matricularam?

— Pastor, atenção! Vai a milhares o número de seus alunos e há muita gente boa matriculada. Não sei como o senhor se arranjará para libertar toda essa gente em apenas cinco dias! O senhor não acha que o tempo é escasso?

— Irmão X, quem gastou anos e anos a usar a sua língua para maldizer e criticar, a não ser que se converta, jamais se libertará desse pecado! Eu, com este singelo curso visto apenas despertar do sono esses falsos cristãos, que à nossa frente são almas generosas, mas, a distância, por detrás, são canibais implacáveis, que destroem e matam sem piedade! Se com todo meu esforço conseguir arrancar um só que seja deste lamaçal, considero-me bastante recompensado e a Igreja será grandemente beneficiada.

— Pastor, eu não tinha ideia da gravidade deste pecado. Sempre pensei que criticar e falar mal da vida alheia fosse coisa sem importância, um passatempo agradável, sem maiores consequências; mas depois que li o que diz o Espírito de Profecia em Testemunhos Selectos, Vol. 2, págs. 10-21, percebi que atrás do rasteiro 'disse-que-me-disse' existem pecados ainda maiores! O senhor já leu este trecho?

— Li, irmão X. Este, e outros trechos do Espírito de Profecia convenceram-me que ou nós como um povo ven-

çamos este pecado, ou este pecado nos aniquilará. Facto é que a salvação é individual e que cada um terá que dar conta de si mesmo a Deus. Mas este pecado é tão virulento, que não dana apenas aquele que o pratica. Os que ouvem, o falador, os que em silêncio assistem ao festim dos antropófagos, consentem com o mal e são participantes da retribuição.

— Bem, irmão X, já conversamos demais. A classe está ansiosa, esperando a primeira lição. Sente-se aqui neste cantinho e assista em silêncio às aulas que se seguirão.

As Reservas de Deus — O Dízimo

Continuação da pág. 4

Os que eram separados para esse sagrado ofício eram mantidos por seus irmãos, aos quais ministravam bênçãos espirituais. «Os que entre os filhos de Levi recebem o sacerdócio têm ordem, segundo a lei, de tomar o dízimo do povo.» Heb. 5:5. A tribo de Levi fora escolhida pelo Senhor para os sagrados ofícios relacionados com o templo e o sacerdócio. Do sacerdote foi dito: «O Senhor teu Deus o escolheu... para que assista a servir no nome do Senhor.» Deut. 18:5. Um décimo de toda a renda era reclamada pelo Senhor como Lhe pertencendo, e reter o dinheiro era por Ele considerado como roubo. Foi a este plano para sustento do ministério que Paulo se referiu quando disse: «Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho.» E mais tarde, escrevendo a Timóteo, disse o apóstolo: «Digno é o obreiro do seu salário.» I Tim. 5:18. — AA, 335 e 336.

Ellen G. White

BOLETIM ADVENTISTA

Quão vastos serão os limites que os nossos conhecimentos podem abranger, quão longe irá a nossa inteligência tão limitada.

Saudades, é a palavra apropriada para exprimir o nosso desejo dum Lar melhor, em que todas as coisas serão feitas novas.

«Levanta-te, resplandece, porque vem a tua luz, e a glória do Senhor vem nascendo sobre ti.»

As tuas portas estarão abertas de continuo ... nunca mais se ouvirá de violência na tua terra ... nunca mais se porá o teu sol, nem a tua lua minguará; porque o Senhor será a tua luz perpétua, e os dias do teu luto findarão. Isaías 60:1, 11, 20. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque a longevidade do meu povo será como a da árvore, e os meus eleitos desfrutarão de todas as obras das suas próprias mãos. O lobo e o cordeiro pastarão juntos, e o leão comerá palha como o boi... Isaías 65:22, 25.

Finalmente o Senhor nos faz esta promessa maravilhosa: «Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá mais lembrança das coisas passadas», jamais haverá memória.

É fácil recordar, desejar as boas coisas terrenas. Quão diferente é tudo que Deus está reservando para nós. É lícito, lógico, ter saudades do lar que está longe mas cujo fulgor podemos já ver ao longe.

Esse nosso sentimento de saudade nos deve levar a exclamar «ora vem Senhor Jesus». (Apoc. 22:20).

J. A. Morgado

que a Terra inteira haja sido advertida; e, então, virá o fim». (*Testemunhos*, vol. 9, pág. 96).

Em boa hora lançou a Conferência Geral a Missão 73. Vai assim contra-atacar o grande Adversário, conforme nos adverte a Irmã White: «Satanás está agora buscando manter o povo de Deus num estado de inactividade, a fim de o impedir de executar a sua parte na disseminação da verdade, para que, afinal, sejam pesados na balança e achados em falta». (*Testemunhos*, Vol. 1, pág. 260).

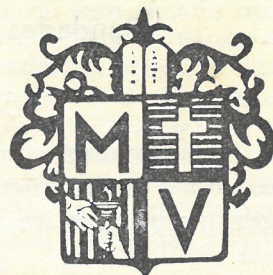
Prezados Irmãos e Irmãs! Nunca, como nos nossos tempos, o pecado assumiu tão grandes proporções e tão notável gravidade. Muitos mais pecados, evidentemente, porque a população aumentou gigantescamente. Muito mais graves, porque o erro multiplicou-se em todos os sectores possíveis e imagináveis. Por isso, seria rematada loucura, pretender reformar a humanidade se a Igreja contasse só com as suas forças. A partida já estava perdida, antes de principiar.

Não é, porém, assim. E não é «porque Nós temos esta esperança», a esperança que assenta na fé das promessas divinas.

Temos a esperança da presença constante do nosso divino Salvador, orientando e confortando a sua Igreja; temos a esperança de que sairemos vitoriosos da luta contra o mal, porque militamos sob as ordens do Divino Emanuel, que é invencível. Diz algures a Irmã White que «a impiedade dos habitantes do mundo já encheu quase a medida da sua iniquidade». Mas a medida da assistência divina é infinita. Por isso aguardamos, confiadamente a vitória final, bem firmes e inabaláveis nas promessas de Jesus.

Irmãos e Irmãs! É esta a hora do despertar para trabalhar para a salvação das almas.

Que o Senhor nos abençoe e nos fortaleça com o poder do Espírito Santo.



Explosão do Sexo

NOSSO TEMPO E NOSSA DOUTRINA

Orlando G. de Pinho

Em muitos aspectos, notadamente em certos hábitos e costumes, igualmente em manifestações sensuais, estamos imitando tempos passados, com notável acréscimo em degenerescência. E isso não só na prática como também no sentido ostensivo, e na passividade com que se admite, o que proporciona um campo aberto à proliferação, mormente no seio da mocidade.

O historiador Will Durant, ao referir-se ao abandono da moral no período de 1300 a 1534, no que se refere à Itália, aponta como provável «factor básico», o «crescimento da riqueza que resultou da posição estratégica da Itália nas rotas do comércio entre a Europa Ocidental e o Oriente, e do afluxo das dízimas e anatas de várias centenas de comunidades cristãs para Roma». História Universal, 5.^a Parte, Tomo 3, pág. 120. O clero e o comércio se enriqueciam, e «o pecado se tornava mais predominante à medida que se forneciam mais fundos para fazer face ao seu custo». — *Ibidem*. Prevalencia o deletério ponto de vista de Epicuro, de que se devia gozar a vida e que todos os prazeres deviam ser julgados inocentes até que se provasse o contrário.

«Uma crescente proporção da população havia cessado de crer na origem divina do código da moral». — *Idem*, pág.

123. E isso devido ao descrédito causado pela conduta de líderes religiosos. A ausência da Palavra de Deus no seio da família e a falta de objectividade religiosa, facilitaram a acção corrupta em todas as classes sociais. «A noção do pecado e o sentimento de culpa começaram a declinar: a consciência passou a ficar relativamente livre; cada homem fazia o que lhe parecesse conveniente, mesmo que isso importasse na quebra de tradições» — *Ibidem*. O adultério era então considerado uma distração legítima.

Que diríamos disso nos nossos dias?

Figuras populares, ídolos no meio da Juventude, não têm reservas em proclamar o que fizeram e como vivem sexualmente. A pureza do amor, que devia unir criaturas legalmente, converteu-se em solicitações impulsivas de carácter sexual e aceites como lícitas para a prática. É bastante gostar de alguém, ser atraído, sentir desejo de «amar» e, havendo reciprocidade, consuma-se o acto sem acanhamento e sem temor; sem respeito à sociedade e à religião.

Tornou-se honroso ser mãe solteira! Os que chamam à virgindade tabu são os que vêem nisso um empecilho aos reclamos de desejos pecaminosos, que se estão formando na mente onde Cristo não reina. Considera-se desper-

dício não se valer das oportunidades que acenam para que se dê livre curso às manifestações e explosões do sexo. Sem religião vivida, ou apoiados em concepções filosóficas que se enquadram a desejos nutridos, não se podia esperar outro comportamento dos que palmilham os meandros do mal.

Faz pouco, os jornais noticiaram o desfecho de um processo, em que fora acusado um capelão militar de uma base naval dos Estados Unidos, finalmente absolvido. Segundo foi declarado, o móvel acusatório fora originado como vingança ou desforra, pois esse capelão sabia (e ia denunciar) da existência, nessa base, de um convênio entre oficiais para a troca de esposas, sem quebra de vínculo matrimonial; em outras palavras, entre os participantes desse convênio as esposas circulariam em rodízio.

Jornais têm noticiado o «casamento» entre homens, nos arraiais do homossexualismo, celebrado por clérigo da mesma laia. Na Europa tem havido manifestações publicas em favor da liberdade sexual; indivíduos respeitáveis e representativos têm vindo a público (foi o que se deu em Londres, segundo noticiou a imprensa) para apoiar as relações sexuais pré-maritais, desde que sejam «um acto espontâneo de amor com um ser querido».

Assim, cada dia abrem-se um pouco mais as comportas do bom senso, da moral e da religiosidade e, então, torna-se fácil o livre curso de desejos pecaminosos. A natureza humana, desajudada, não pode conter-se, e quando a ela falta o controle oriundo da Palavra de Deus, então o declínio do sentido moral é progressivo. O homem de hoje não é mais viril que o de outros tempos; todavia, o meio ambiente que rodeia o hodierno é sumamente mais provocante; daí não ser possível à criatura sem a direcção e o temor de Deus e sem Cristo no coração, ficar à margem do caudal de lama que invadiu o mundo dos nossos dias. E mesmo aos tais, a esses que chafurdam nesse pantanal de perversidades, não interessa sair dessa mórbida vivência. O sentido voluptuoso toma conta de tais criaturas, para as quais o que mais interessa é o gozo da hora presente. Esses são os que ainda não

se despojaram «do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano»; são os que se entregam «à dissolução, para com avidez cometerem toda a impureza». Rom. 4:19 e 22.

Por isso, o chamado de Deus, para que o pecador se transforme agora em cidadão do céu e um lídimo exemplo de virtudes cristãs, requer decidido e consciente nojo pelo pecado, e o desejo sincero de viver sempre em harmonia com os padrões de moral que estão implícitos na aceitação de Cristo como Salvador pessoal.

Mozart dirigiu a seguinte carta a um amigo, em 1831, quando tinha apenas 25 anos de idade: «A natureza fala em mim tão forte como nos outros, talvez com mais força que em qualquer camponês ignorante e bruto; contudo, não posso pautar a minha conduta pela de tantos moços de minha idade. Por um lado tenho um espírito muito religioso, sou por demais honesto, amo muito ao próximo para me resolver a enganar alguma inocente criatura. Por outro lado, minha saúde me é muito preciosa para que eu a arrisque num comércio ilegítimo qualquer. Assim, posso jurar perante Deus que, até hoje, não tenho a me penitenciar de nenhuma queda».

Outro exemplo que nos vem do século XIX, é este, de Vitor Hugo, em carta que dirigiu à noiva, em 1820: «É o ardente desejo de tornar-me digno de ti, que me faz severo contra meus defeitos. Devo-te tudo, e apraz-me repeti-lo. Se me conservei, até hoje, puro dos desgarramentos a que se entregam meus companheiros e que o mundo tão facilmente desculpa, não é por me terem faltado ocasiões, mas porque a lembrança de ti me protegeu. Assim, graças a ti, conservei intactos os únicos bens que hoje posso oferecer-te: um corpo puro e um coração virgem».

Mudaram-se os tempos, para proceder-se hoje de modo diferente?

Desde quando datam a lei de Deus e os princípios para ingresso no livro da Vida?

«Pais e mães... deveriam sentir como seu dever... modelar de tal maneira o carácter de seus filhos... para que

Continua na pág. 10

MISSÃO 73

O plano da Missão 73 tem-se processado em toda a União dentro dos planos previamente estabelecidos.

Nas reuniões preparatórias colaboraram os membros da União:

Pastor Armando Casaca — visitou Igrejas de N. Lisboa, Luanda, Sá da Bandeira, Missão do Quicuco, Campo Missionário da Huila e Campo Missionário de N. Lisboa.

Pastor Juvenal Gomes — Igreja do Lobito e Luso. Campo Missionário da Luz e Lucusse, Bongo, e Namba.

Pastor Joaquim Morgado — Igreja da Ganda e Cubal, Benguela, Malange. Campo Missionário de S. Tomé e Cuale.

Dentro dos planos delineados realizaram-se durante o mês de Março esforços em todas as nossas igrejas do mato. Nelas colaboraram os obreiros locais e os professores das nossas Escolas.

A 28 de Abril começaram as Campanhas de Evangelização:

Missão Europeia: Moçâmedes — A. Oliveira; Sá da Bandeira — N. Wolf; Ganda — Nilton Amorim; Benguela — João Esteves; Lobito — António Maurício; Luso — Manuel Cordeiro; Malange — Carlos Esteves; Nova Lisboa — Guilherme Glória.

Campos Missionários: Gungue — Samuel Sequeira; Colola — Isaque Tadeu; Caúri — Pedro Matapalo; Instituto — Da-

niel Cordas; Quicuco — José de Sá; Namba — João Tavares; Cuale — Carlos Esteves; Luz — Venâncio Samuel; Lucusse — Nunes Vasconcelos.

Também em todas as nossas escolas está a ser levado a efeito o mesmo esforço que tem sido realizado por professores e alunos.

Explosão do Sexo

Continuação da pág. 9

sejam atraídos para o bem e para o verdadeiro. Que o amor pela verdade, pureza e bondade seja cedo implantado na alma...» — O Lar Adventista, pág. 74.

«Isto, portanto, digo, e no Senhor testifico, que não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos, obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza dos seus corações». Efés. 4:17 e 18.

Como começou o Trabalho Missionário no Bongo

por Venâncio Chipopa

O actual Campo Missionário do Bongo, teve como a sua primeira aldeia Iava. Essa aldeia foi iniciada no ano de 1927. O primeiro obreiro que aí trabalhou chamava-se Daniel Cahangala. Iava teve como a sua primeira ramificada, a aldeia de Chiipepe, cujo primeiro Obreiro que aí foi posto chamava-se Valeriano Caiumba. A segunda ramificada foi Samaria, que tinha por Obreiro Samuel Cupaia. A terceira Ramificada foi Chicuma — Cholombia que tinha por Obreiro Félix Chivango.

A seguir a Iava foi aberta Catapi, que tinha por Obreiro Costa Somaconjamba. Catapi teve como ramificadas as seguintes aldeias: Canguaia, Molonjamba, Catabola Meke, Chila, Ulembi, Calufer, Nima, Capeputa, etc.

A seguir a Catapi foi aberta Sailundo, que teve como Obreiro Estêvão Sanji. Esta teve como ramificadas Sachingulo, Sando Londimba, que tinham como Obreiros Clemente Chinyama e Laurindo Lihono respectivamente.

A seguir a Sailundo foi aberta Cachata que tinha como Obreiro Eduardo Gando. Esta teve as seguintes Ramificadas: Capeputa, e Lia-Baixa, com os Obreiros Martins Cuto e Feliciano respectivamente.

A seguir a Cachata foi aberta Emanha que tinha como Obreiro Paulo Evaristo. Esta teve como ramificadas Cato-

cola, Chicala, Aienja, que tinham como obreiros Moisés Cuingua, Ricardo Ecu-pa e Marcolino Muessapi respectivamente.

Catocola por sua vez teve como ramificadas, Epalanga, Evila e Embala Equequete: A fundação de Catocola está ligada com o nome de Moisés Cuingua, homem bastante afamado na sua antiga religião. Sendo ele Protestante desde o berço, tendo terminado o curso de obreiro na Missão Evangélica do Elende os superiores da referida Denominação, mandaram-no como Catequista numa aldeia que ficava perto de Nova Lisboa, chamada Sumi. Daí foi transferido para a do Cuma na aldeia de Catocola como ainda obreiro Protestante. Em 1930 este irmão, tendo entrado em contacto com a nossa Mensagem, converteu-se não só com toda a sua família, mas sim com toda aldeia que estava sob a sua tutela. Hoje tanto ele como a esposa descansam no Senhor com a certeza de saírem do pó da Terra logo que soar a primeira Trombeta.

A seguir a Catocola, foi aberta Chianga, que tinha por obreiro José Guli.

A seguir a Chianga foi aberta Chicale, que tinha como obreiro Fulmeira Cangungo, após este, aldeia foi entregue ao cuidado de Rodrigues Pataca. Chicale teve como ramificada Caitome.

Depois de Chicale, seguiu Cangondo,

que tinha como obreiro Guilherme Cassissa. A mesma aldeia e mesma gente veio a ser chamada Chiuta, que desta vez estava sob a orientação de Zeferino José.

Seguiu a Chiuta Sandombo, que tinha como obreiro Augusto Chingualulo.

Abriu-se depois Ussissi, que foi dirigida por José Mário. Ussissi, teve como ramificadas, Lupili, Lombalaca e Cango-ngo.

Abriu-se de novo Lumango que foi dirigida por Nicolau Cawalende. A abertura desta aldeia teve um princípio bastante difícil. Posto que os primeiros conversos eram protestantes, o pastor que os dirigia, ficou assaz agastado com o procedimento destes, pelo que expulsou-os na sua aldeia, sendo obrigados a fazer as cabanas de ramos. Frizei este ponto, pois quando foram corridos, fazia muito frio. Todos as vezes que eu os encontrava, procurava confortá-los. Lembrou-me ainda que o primeiro casamento realizado no meio deles, foi celebrado em baixo de uma árvore «Chipungandembe» árvore típica das planícies. Após este sofrimento, construíram as suas belas casas, todas elas alinhadas, ruas em aspecto atraente a qualquer visita que passasse por aí. Com a solidificação do seu trabalho, abriu uma ramificada chamada Caitica.

Ulianguele: Tinha como obreiro Marcolino Cangombe. Este Obreiro tendo estado na referida aldeia 6 anos, os aldeões aborreceram dele, e arranjaram maneira de expulsá-lo da sua aldeia: tendo feito uma combinação, foram abrir o celeiro de um homem que tinha «oluku», espécie de joio, e que tiraram um punhado do referido cereal, começaram a espalhá-lo desde a porta do celeiro até à porta do Obreiro. Na manhã seguinte, todos foram à porta dele acusando-o como sendo ele o ladrão. Nós fomos averiguar o caso, e vimos que o obreiro não tinha feito nada disso; antes pelo contrário o povo é que não gostava dele. Depois dele enviamos na mesma aldeia o outro Obreiro, Filipe Moma. Com o novo obreiro, as coisas modificaram consideravelmente. Então a aldeia teve como ramificadas as seguintes aldeias: Equevo e Cofuque.

Cassuia: Tinha como Obreiro Cele-

tino Ucuelonga. Esta aldeia, outrora fora protestante, que veio a converter por causa do seu obreiro. Este Celestino, sendo obreiro protestante, ouviu que os seus familiares e amigos de Ussissi deixaram de ser protestantes e que converteram à igreja Adventista, procurou seguir o seu exemplo, sendo seguido pelos seus catecúmenos. A partir daquela data a aldeia deixou de ser chamada protestante, para ser Adventista. Com o seu esforço fizeram com que Noyoma conhecesse a verdade da Mensagem do terceiro Anjo constituindo assim a sua ramificada.

Changala: Tinha como Obreiro Isa-que Adriano. Changala nasceu Atuco e Namalongo. Perto de Namalongo temos hoje um grande Centro de Caué, que constitui o centro de Evangelismo das aldeias circunvizinhas.

Conusse: Esta teve como obreiro Colino Chico. Teve como ramificadas Combuta, Lumingo e Calenga-Liassulula. Nesta última ramificada trabalhou como obreiro o velho Quelopes.

Missassa: Teve como obreiro Evaristo Silvino.

Chilimba: Teve como obreiro Ricardo Cangue de Boa Memória.

Catuto: Teve como obreiro o mesmo obreiro de Chilimba, Ricardo.

Caluquembe: Teve como Obreiro Laurindo Lihono. E teve como ramificada aldeia de Buta. Nesta ramificada, esteve como obreiro Henrique Cachapile.

Cacoma-Baixo: Teve como obreiro Geraldo Lino. Esta aldeia é aldeia natal do Pastor Daniel Chionga. A aldeia toda era protestante. Dada a influência do referido irmão Pastor, alguns dos protestantes, viram que estavam a seguir o erro, e como tal procuram a maneira de seguir o exemplo do referido irmão. Para o irmão Daniel, nada aconteceu de anormal; mas para os que lhe seguiram as pisadas tiveram que passar numa grande dificuldade com os demais protestantes. Vendo estes a resolução deste grupinho, procuraram persuadí-lo para que mudasse de ideia. Como este grupo estava decidido em suportar tudo o que der e vier, estes caíram sobre eles como bestas selvagens, dando-lhes uma boa sova e foram expulsos da sua comu-

nidade e as suas casas feitas em monturo. Mesmo assim este grupo ficou firme. Até hoje continua na esperança de Um Salvador prestes a vir.

Cacoma Alto: Esta aldeia foi fundada pelo irmão Clemente Chinhamá. Este obreiro é muito paciente. Começou a trabalhar na aldeia de Sachingulo, sendo mais tarde transferido para Embala de Equequete, onde, apesar dos contratempos pelos quais este irmão passou, isto é, fome e nudês, posto que não tinha qualquer remuneração da parte da União, por ser obreiro Voluntário, a seu pedido, foi enviado para a sua aldeia natal, pois dizia ele: quero trabalhar com os meus familiares mais directos. É-lhe merecida a Consagração para Ministério como Ancião da Igreja.

Handanga: Esta aldeia foi fundada pelo ex-obreiro voluntário Artur Caluvi. Essoquela: Esta aldeia foi fundada pelo actual Pastor Vasco Camati. Chimbaia: Esta aldeia foi fundada pelo obreiro, Fernando Muhongo.

Ulembi-Waloia: Esta aldeia foi fundada pelo obreiro João Cavala. Chiwale: Foi fundada pelo obreiro Guilherme Cassisa. A princípio este obreiro foi bem recebido pelo povo da aldeia, mas, mais tarde foi aborrecido em extremo, pois por duas vezes queimaram a sua residência. Como tal, teve que ser transferido para Cassema de Nova Lisboa.

Chalondo: Esta aldeia foi fundada pelo jovem obreiro Adolfo Bange. Camimbí: Esta aldeia foi fundada pelo velho obreiro Quelopes com a sua esposa Etossi Nanjuliana.

Sacambua: Esta aldeia foi fundada pelo obreiro Marcelino. Esta aldeia foi fundada pelo esforço da primeira Campanha Evangelística, que data o ano de 1942 no mês de Março. Para que esta campanha se concretizasse foi preciso que o então reformado Pioneiro Anderson, conhecido pelo Cacongo, se deslocasse de América para Angola. Por ser a primeira Campanha todos obreiros de Angola foram convocados para que realizassem a referida Campanha. Durante a qual o sr. Pastor Cacongo, teve umas febres altas causadas pela mordidura dos mosquitos. Esta febre era tão alta que o encanecido Pioneiro vomitou tan-

to, dando indícios de morrer naquele lugar. É de frizar também o espírito deste pioneiro, que dada a sua dedicação à Causa do Mestre, depois de sentir-se melhor dirigiu para o mesmo lugar para terminar o trabalho que veio realizar.

Sacambuta, teve como ramificadas as seguintes aldeias. CAMANGA, CARINGO, CACHIO, CAISSEMA A CATUMUA. Estas aldeias tiveram como obreiros Paulino Samuquepe, Carvalho da Silva, Daniel Chionga e Loth Chipilica respectivamente.

Calombo: esta aldeia foi fundada pelo obreiro Manuel Caleca. Fins: esta aldeia foi fundada pelo obreiro Francisco Chitau. Cambalombo: esta aldeia foi fundada pelo obreiro Felix Pena. Lumbandi: esta aldeia foi fundada pelo obreiro Pedro Sambongue. Alto Catumbela: esta aldeia foi fundada pelo professor Tadeu Cassessa. Cubal: este lugar teve como primeiro obreiro Pedro Matapalo.

Anseio

Rita Daniela

Eu quero andar, senhor, seguir em frente,
Na estrada que me leve à tua cruz!
Quero seguir ao mundo indiferente
Quero partir até chegar à cruz!

Que importa a mim ouvir a voz descrente
Se à vereda do mal ela conduz?
Que importa Satanás impenitente,
Se eu só lutar ao lado de Jesus!

...Senhor! mas sou tão frágil que sem ti
Nada posso fazer, nem caminhar...
Por isso agora implorar-te vim,

A tua bênção, pai, para eu levar!
P'ra que os perdidos possa eu assim,
Fazê-los, a teus pés, enfim chegar!

Visado pela Censura

Notícias do Campo



RECITAL DE MÚSICA SACRA NA GANDA

As 21 horas de 7 de Abril, o salão nobre dos Paços do Concelho da Ganda, foi aberto para receber mais de uma centena de convidados para o recital de música sacra que



o casal James e Joann Holder executaram, para louvor a Deus e preparação para o plano da Missão 73.

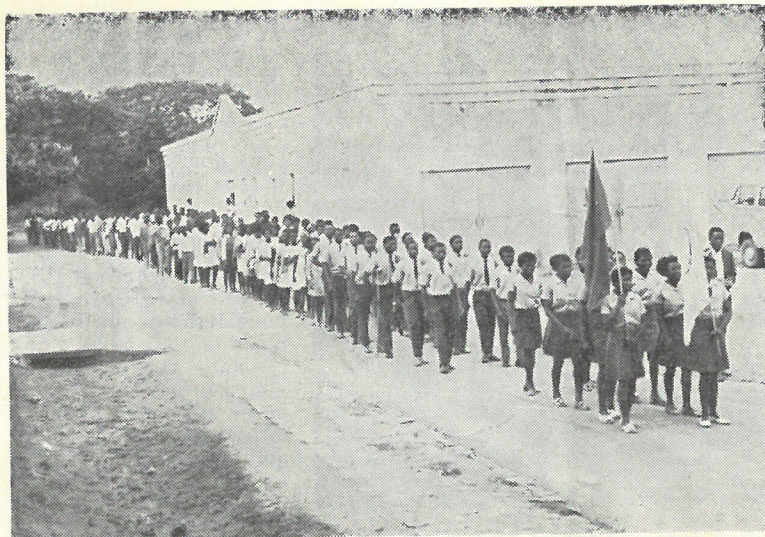
O programa consistiu em 2 partes, variando entre solos, duetos de Marimba e Trompete, hinos cantados. Nossos irmãos do Bongo e do Cubal também prestigiaram o concerto e sentimos que uma apresentação tão espiritual serviu de chave para abrir os corações e quebrar preconceitos.

Que os talentos por Deus a nós confiados, sejam aprimorados para que deles nos sirvamos para fazer avançar a Sua Obra.

Niltou Amorim

BOLETIM ADVENTISTA





NOTÍCIAS DO BONGO

Investidura M. V.

No passado dia 1 de Abril teve lugar no Bongo uma cerimónia de Investidura, presidida pelo Secretário do Departamento dos Jovens, Pastor J. Morgado.

Nove jovens receberam os emblemas de Líderes. Cerca de mais sessenta foram investidos nas outras classes. Cem distinções profissionais foram também conferidas.

Foi uma cerimónia interessante e que mostrou o interesse dos nossos jovens por estas actividades.

Depois da cerimónia, tivemos a oportunidade de assistir a várias manifestações de carácter desportivo nas quais participou um bom número de jovens.

Graduação

No mesmo dia, pelas 20:30 horas teve lugar uma cerimónia de graduação, na qual oito jovens viram finalmente os seus esforços de alguns anos, compensados.

Seis rapazes concluíram o seu Curso de Professores Evangelistas e duas meninas o Curso de Educação Doméstica.

A cerimónia foi igualmente presidida

pelo Sr. Pastor J. Morgado, que teve a seu cargo a mensagem especial de consagração.

Foi uma cerimónia solene e que impressionou a todos quantos estiveram presentes.

Desejamos aos novos obreiros as maiores e mais ricas bênçãos dos céus.

Daniel Cordas

Convenção de Obreiros no Campo Missinário da Ruila:

De 18 a 21 de Janeiro de 1973, estiveram reunidos no Gungue todos os obreiros do campo. Foi

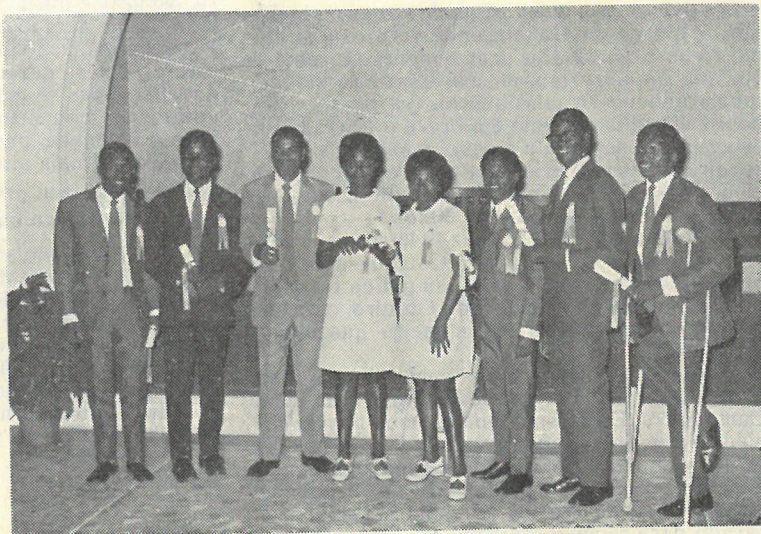
uma reunião inesquecível, onde uma nota especial foi dada à «Missão 73».

Será um ano de trabalho e lutas, mas com a ajuda de Deus, também de vitórias.

Agrademos a presença do Sr. Presidente, Pastor A. Casaca, que muito nos animou com as suas mensagens e conselhos.

O Sábado, dia 20 foi particularmente assinalado pelo belo culto de dedicação ao Senhor e pela consagração de 16 irmãos a anciãos. Vimos lágrimas e o desejo de servir melhor ao Senhor.

Várias resoluções importantes foram tomadas, sobretudo no que diz respeito à evangelização todos saíram desta Convenção convencidos de que os nossos alvos não só serão alcançados, mas ultrapassados.



Os finalistas com os seus diplomas



Os finalistas com as flores com que foram homenageados

Quando estas linhas forem lidas, já alguns baptismos terão sido realizados e em qualquer parte do campo, cada mês, teremos, pelo menos uma sessão baptismal.

Pedimos as orações de todos os irmãos a favor do recém formado Campo Missionário da Huila, o que penhoradamente agradecemos.

S. Sequeira Siria

Campanha de Evangelização na Conda - Namiba

No passado dia 1 de Março, partimos eu e o Senhor Director da Missão, acompanhados de alguns finalistas do Bongo, para as Campanhas de Evangelização que iam ter lugar na Área da Conda.

Depois de algumas horas de viagem chegámos à cidade da Gabela, onde verificámos como Deus nos ajudou grandemente durante a viagem. Ao entrarmos mesmodentro da cidade, o carro do nosso missionário, partiu-se. Não houve dificuldade, pois em breve a oficina que estava perto substituiu o cabo, e pudemos prosseguir a viagem. Seria uma grande dificuldade, se o cabo se tivesse partido durante a viagem. Deus não abandona os seus filhos.

Partimos da Gabela, pelas 19 horas e pernoitámos nessa noite na nossa Catequese de Capolo. Ali achámos gente tão simpática e hospitaleira! Mesmo na ausência do Obreiro, os crentes receberam-nos duma maneira que causa admiração.

No dia seguinte, partimos para o local, onde os finalistas do Bongo, deviam fazer as suas Campanhas. Do mesmo modo fomos bem recebidos. Quando nos apeteceu comer alguma coisa, perguntámos ao irmão Canguengue, se nos podia cozer algumas batatas, e este respondeu que não era necessário, pois tudo estava preparado para receber as visitas.

Após o almoço, fomos à Vila da Conda receber os finalistas.

Ao regressarmos, os irmãos receberam os finalistas com alegria indescritível.

No Sábado, tivemos uma boa assistência na nossa catequese de Ande, onde se realizou uma das Campanhas. Havia também muitas visitas, entre elas estava o Professor da aldeia, que considerámos um exemplo. Foi realmente interessante ver os alunos construírem casinha, preparar adobos, pôr telhados, etc. Uma verdadeira aula prática, como nos é exigido pelos programas Oficiais.

Apesar de este Professor não ser da nossa fé, vimos nele, dinamismo, amor para com o trabalho, tacto com o povo, abstinência de bebidas alcoólicas, etc.

Quando o Pastor Daniel Cordas chegou ao local em que estávamos, os finalistas foram divididos pelas aldeias de Ande e Catala e eu com o senhor Director seguimos para a aldeia Cumbira onde fomos colaborar na Campanha dos Obreiros. Foi uma surpresa para nós o aspecto desta aldeia, pois está toda ornamentada com flores, as ruas bem varridas, dando um aspecto agradável. A aldeia está rodeada por grandes rochas que nos fazem lembrar os grandes arranha céus, onde nós nos sentimos mais perto de Deus. Tivemos ali um bom número de assistentes em todas as reuniões. Após as reuniões, os Obreiros ensinavam o povo a cantar os nossos belos hinos, à volta da fogueira. No último dia ao ser feito pelo Pastor Daniel Cordas um apelo aos assistentes para que dedicassem as suas vidas a Jesus, responderam ao apelo algumas dezenas de almas. Vemos que aquelas almas se estão preparando para se encontrarem com Jesus. Não é necessário sino para a chamada para as reuniões. Colocam o Obreiro no mais alto grau, reconhecendo-o como sendo do seu próprio povo. É um povo dizimista. É um povo sincero.

Uma irmã, não se conformou um dia ao receber uma palavra de tentação. Ela contou aos velhos da aldeia tudo o que lhe tinha sido dito, com medo de perder o céu. Comparemos a nossa situação actual com a destes irmãos. Fazemos a pergunta: Não será verdade que Jesus disse que «Os derradeiros serão os primeiros»?

Caros leitores, não esqueçais de orar pelo trabalho no Campo missionário da Namiba.

Artur Oliveira